
AS CRÔNICAS COMO FONTE DE PESQUISA NA HISTÓRIA

Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim

Mestre em História do Brasil (UFPI).
Doutoranda na linha de pesquisa de cultura e memória (UFPE).
Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).
e-mail: acmbrandim@hotmail.com

A escrita literária, contida nas crônicas, expressa uma vontade de deciframento da floresta de símbolos da cidade, de realizar uma correlação entre memória e espaço, visualizando uma cidade que não se encontra fundada nos mapas e nos projetos arquitetônicos, mas sim nos recônditos da memória e das lembranças, atribuindo sentidos perante a efêmera experiência da materialidade da cidade. Sendo assim, torna-se possível entender a literatura como uma possibilidade que se abre para o entendimento das múltiplas ações dos sujeitos, que não podem ser pensados de forma singular, inflexível, mas como construtores de significações, ao imprimir imagens e discursos diversos, realizados pelos diferentes olhares e lentes. Essas lentes permitem-nos conhecer um dado, garimpar aspectos visíveis ou não, formular problematizações, conhecer nesgas do passado, articulando-as ao presente em um tensionamento que se abre para rupturas e permanências. Neste sentido, iremos analisar algumas crônicas que fornecem vestígios sobre a cidade de Teresina, nos idos da década de oitenta do século XX, no que diz respeito às modificações realizadas na forma de percepção do gênero feminino e masculino, da moda e das mudanças de sociabilidades, captada pelo nosso cronista-guia A.Tito Filho.

Os cronistas, ao expressarem seus posicionamentos, partem, a princípio, de motivações próprias, mas atrelados a uma “realidade” cotidiana, pois usa a sensibilidade ou o “faro” para traduzir em palavras os movimentos, as expressões, os gestos, as situações de uma dada experiência que poderá ser caótica ou não,

dependendo da habilidade do escritor. Os cronistas articularam em suas teias de papéis a fisionomia da cidade, em uma busca incessante para alertar sobre as mais diferentes formas de “perigo” da modernidade, pois, como nos adverte Benjamin,

a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades de forma épica. Entre elas encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ele tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. (1994, p. 211).

É principalmente sob esse enfoque que buscamos analisar as crônicas neste artigo, no sentido de transpô-las, procurando registrar os vários sentidos que circulam entre o escrito literário e as formas de pensamento; e, principalmente, procurando mostrar o que elas revelam enquanto fonte e imaginário de uma época, buscando um entendimento plural e cultural do urbano. Além das modificações na materialidade da cidade, buscamos compreender as fissuras, as fendas, que caracterizam sensibilidades em seus processos de modificações e permanências.

Os relatos das crônicas fixam posições, constroem conteúdos e sentidos, fazem aparecer um arranjo cultural, extratos de vivências, modos de pensar e sensibilidades; operam com estratégias, tentando aproximar-se de um imaginário coletivo de uma época. São formas de apresentar um “dado”, bastando, para tanto, recolhê-los como sintomas e indícios, conforme apontou Carlo Ginzburg (1991 p.143-145).

Em uma crônica intitulada “Mulher”, o cronista A.Tito Filho¹ parte de uma posição “natural” de sua identidade enquanto homem e passa a analisar e a construir através de “categorias” e “significados” o perfil da mulher; assim declara impetuosamente:

Até Fides Angélica, de que me orgulho, esteve na televisão para dizer que as colegas do antigo sexo frágil querem mais coisa. Que mais? Já ganharam até o dia internacional, que os machacás nunca obtiveram. Rabos-de-saia dos

¹ José de Arimathéia Tito Filho (Barras, 1924. Teresina, 1992) era historiador, cronista, jornalista, professor, e foi presidente da Academia Piauiense de Letras (APL).

mais variados tipos abandonaram faz muito tempo o seu lugar certo, incontestável, o lar. Não acedem mais lenha, soprando brasa, nem fazem doces nos tachos caseiros. Usam farda, fumam, jogam, bebem uísque. (TITO FILHO, O DIA, 12/03/1988, p. 4).

As modificações com relação ao gênero, ao modelo burguês de casamento e da família entram em declínio, a partir dos anos de 1960, segundo Almeida e Weis (1998), quando houve o conflito de duas gerações, uma que tomou o poder político e pretendia combater os “males” contra a dissolução dos costumes tradicionais, e, a outra, que denominada de geração pós-guerra, chegava à idade adulta e procurava refletir sobre esses sistemas “tradicionais” (Ibid., p. 399).

Para Almeida e Weis, a geração classe-média do *baby boom* estava interessada na

contestação da moralidade sexual [...] a exemplo do que acontecia nos Estados Unidos e Europa [...] no caso das mulheres, o repúdio aos comportamentos tradicionais, ‘pequenos burgueses’, se faziam em nome de um ideal de autonomia que deveria se realizar não apenas como possibilidade de viver livremente a paixão e as pulsões sexuais. Isso tudo também estava fortemente associado à idéia de existir no mundo para além da vida doméstica, por meio da realização profissional, da independência financeira que o trabalho poderia assegurar e, por último porém não menos importante, da atividade política. (1998, p. 400-401).

Dessa forma, se na crônica Fides Angélica, então presidente da Ordem dos Advogados, secção do Piauí, representava um exemplo de onde a mulher poderia chegar, ampliando suas conquistas, o nosso cronista, com todos os seus “clichês”, se enquadraria muito bem na geração daqueles que achavam melhor controlar através do discurso, da ideologia, da castração. Isso ainda foi percebido quanto tentou responder o questionamento: – “que mais deseja a mulher?”

[...] arrebanhou noventa por cento dos empregos. Nas repartições, existem dez homens para cem mulheres – e destas poucas dão duro, trabalham. As outras semelham uma festa de periquitos em manga madura: fofocam., Cinquenta por cento vivem de licença. Muitas e muitas diariamente põem vestidos novos, um luxo. Os homens raros exercem chefia. Os demais poucos, uns dez, no máximo, frustrados, cabisbaixo, raquítico, caras chupadas, roupa tipo bate-e-enzuga, fundilhos puídos, sem o antigo topete de macho – ficam nos seus respectivos cantos, taciturnos, mal-arranjados. (TITO FILHO, O DIA, 12/03/1988, p. 4).

As representações sobre o papel da “mulher” e do “homem”, e a clivagem que cortou e definiu esses campos de saber são próprias da linguagem, que faz

aparecer os relatos. Para Certeau, “o relato não é apenas uma descrição, mais que uma fixação, é um ‘ato culturalmente criador’; ele realiza o que diz, o relato é fundador do espaço pois desloca e supera limites” (1994, p.209). Assim, podemos observar que o cronista, ao inverter os papéis de “mando” entre os gêneros, situa de forma degradante a figura masculina, como se esta ao perder seus referenciais “naturais” entrasse em estado de caos. O cronista instaura também, através do relato, discursos que criavam um efeito de verdade, como o que assemelhava as mulheres trabalhadoras à imagem de fofoqueiras. Estas produções de representações são importantes analisar-se, pois,

[...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros [...], as lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Na próxima crônica nos é possível visualizar, mais uma vez, a idéia do cronista com relação à emancipação feminina em Teresina, enquanto campo e disputa de poder, e perceber como esse movimento foi representado pela lente do cronista:

Acabou-se a supremacia do gênero masculino. Ensinou-se durante anos seguidos que o masculino tinha supremacia sobre o feminino. Dizia-se o brasileiro é obrigado a ter vergonha e brasileiro aí envolvia os dois tipos. Sarney mesmo liquidou o mandamento e reconheceu o feminino com direito ao primeiro lugar, usando sempre o vocativo Brasileiras e Brasileiros.

Nos dias que correm o chefe do casal está representado pela mulher. Retornou-se ao matriarcado. Jamais se viu a supradita com tanto prestígio e forma de mandar. As donas se metem em todos os assuntos, inclusive naqueles para os quais não são chamadas. Discutem besteiras colossais. Lêem mediocridades. Fumam. Consomem muito álcool, chegam a grandes pileques. Foi-se a virgindade – e raríssimas mantêm o fogo sagrado.

Se machismo era o poder de mando incontestável por parte do gajo, feminismo deve tomar outra significação. Justamente a de domínio completo do varão, pela mulher, machona de corpo e alma – médica, advogada, prefeita, deputada, senadora, jornalista, policial, romancista, motorista de ônibus, assaltantes, maconheiras. (TITO FILHO, O DIA, 25/03/1988, p. 4).

A crônica demonstra que o espaço privado, antes “campo de atuação” das mulheres, estava por um fio, pois o cronista tenta voltar no tempo, ao buscar reprimir aspectos que se haviam tornado corriqueiros, no que diz respeito à progressiva carreira feminina, ao ocupar funções até então marcadas pelo universo masculino, fazendo com que perceba, nessa condição, uma gradativa diminuição no campo do trabalho para os homens. Dessa forma, a “interferência feminina” no espaço público parece ter sido realizada não sem antes uma ferrenha disputa de poderes, nos quais persistiam valores conservadores.

Nesse sentido, as crônicas são ricas de significados, pois externam fatos e conflitos existentes, tanto no espaço privado quanto no público. São resultados da vivência e da interlocução do cronista com o social, com o seu lugar de discurso, utilizando uma das várias formas de “dizer”, mas que pela riqueza e poder de detalhes tornam-se um meio essencial e importante de análise histórica.

As impressões do cronista, com relação aos reflexos do movimento feminista,² e o tom sarcástico com relação à liberação feminina partem de um discurso conservador empenhado, mesmo em pleno clima de redemocratização, em denegrir e ridicularizar a imagem feminina, recurso esse utilizado por aqueles que viam nesses artifícios um instrumento para combater os avanços do sexo feminino. Segundo os dados contidos no artigo “Pisando no Sexo Frágil”, Raquel Soihet aponta que “em 1973, apenas 30,9% da população economicamente ativa eram do sexo feminino. Mas em 1999 elas já representavam 41,4% do total. Receber salários iguais, no entanto, ainda é tabu” (NOSSA HISTÓRIA, 2004, n. 3, p. 20).

Deste modo, nos indagamos em que sentido essas relações, às vezes tratadas como coisa do “passado”, ou banalidades, quando o estudo é o espaço da

² Movimento social surgido nos anos 1960, nos países mais desenvolvidos, e, conforme Hobsbawn, podemos perceber que “o primeiro e mais impressionante exemplo dessa nova consciência de gênero foi a revolta das mulheres tradicionalmente fiéis nos países católicos romanos (**Brasil**, grifo nosso) contra doutrinas impopulares da Igreja, como foi mostrado notadamente nos referendos italianos em favor do divórcio (1974) e de leis de aborto mais liberais (1981)” (2000, p.306).

cidade, ajudam ou refletem o urbano? Como essas imagens contribuem para a análise cultural do urbano?

Sabemos, a princípio, que a cidade é um palco de imagens, atravessadas continuamente por uma clivagem de discursos, operando em vários sentidos e fazendo criar sentidos culturais, tendo em vista que as “obras literárias em prosa ou verso têm contribuído para a recuperação, a identificação, a interpretação e a crítica das formas urbanas” (PESAVENTO, 2002, p. 13). As crônicas e os cronistas são considerados, “a partir de sua inserção na arena das polêmicas e conflitos de sua contemporaneidade, como sujeitos e personagens das histórias que contam, vivendo, portanto o seu tempo como indeterminação, como incerteza” (ENGEL, 2004, p. 54).

Acreditamos que o urbano é o palco da experiência moderna; nesse sentido, a cidade é o lócus privilegiado da ação social e de suas lutas incessantes diante das transformações capitalistas, e das mudanças de matrizes simbólicas, devido às transformações identitárias da cidade, que significa “sobretudo que a cidade é formulada como problema e é pensada e expressa como discurso e como imagem” (PESAVENTO, 2002, p. 158).

Dessa maneira, realçamos que as diferentes imagens que atravessam a cidade servem como indícios, cacos, que podem indicar mudanças e permanências, como a crônica seguinte, onde podemos perceber as transformações femininas e sociais, tendo como direcionamento às imagens utilizadas no vestuário da mulher teresinense:

Muitos anos atrás as donas usavam vestidos no mocotó, também dito osso gostoso, que ia até o gogó. Por baixo desses cinco metros de fazenda botava calça tipo samba-canção, abotoada dos dois lados, e por cima desse sungão bem fofo havia três anáguas, uma combinação e um corpete. Algumas usavam chapéu e luvas. Sinceramente, difícilíssimo que aparecessem as mãos e somente se viam pedaços do rosto. Uma vitória retumbante do machismo, que não permitia olhares profanos nas carnes de suas deusas. Grande conquista esteve no fato de chegar o vestido ao meio da canela, pescoço de fora, manga meio quarto. Nos anos 20 Gabrielle Chanel modernizou certos aspectos da situação. Na década de 30,

voltou-se um bocado a autoridade. Ombros almofadados. As filhinhas de Eva se masculinizaram.

Ainda perto de 1940 as meninas de Teresina eram acompanhadas, na rua, de dois ou três gajos sensuais, quando a calça samba-canção, primeira cobertura dos possuídos., marcavam o vestido atravessando as defesas naturais das anáguas e combinações. Para onde a garota ia, os machacás seguiam atrás, olhos cúpidos e boca aberta.

Durante a guerra de Hitler os vestidos se tornaram funcionais. De 1940 em diante, houve a revolução de Dior, que queria voltar a padrões antigos. Pernas escondidas. Feminilidade. Próximo dos anos 60 apareceu a moda unissex. E de 60 em diante, a estilista Mary Quant revoluciona a moda com a minissaia, que mostrava a perna toda. Chegou-se à era dos exploradores da moda. E a moda enlouquece as fêmeas. Calças boca-larga, cigarettes, t-shirts, camisetas, punk, santo Deus. Quantos processos novos se criam para que as mulheres gastem dinheiro a rodo. Cada dia mais explorada se vê a vaidade feminina. (TITO FILHO, O DIA, 16/03/88, p. 4).

A perspectiva da moda é um interessante termômetro para que possamos perceber, não obstante os exageros e as ironias do cronista, de que maneira o corpo e a forma de vesti-lo ou camuflá-lo testemunham uma época e sua forma de elaboração acerca de condutas e valores. A vaidade feminina “fala” muito da maneira como as mulheres puderam ou não lidar com seu corpo, e como essas relações eram vistas e entendidas pela sociedade.

Desta forma, desde a moda do “vestido no mocotó”, com suas “anáguas” até as revolucionárias minissaias de *Mary Quant*, em meados de 1965, a moda variou e ajudou a desnudar tabus, como também a diminuir a amnésia coletiva da sociedade, pois proporcionou (e proporciona) uma forma irremediável de um “eterno retorno” do mesmo, fazendo com que o antigo volte sempre de forma atual.

Afinal, concordamos que a moda qualifica a cidade, pois essa é o reduto de suas práticas; é sobre seus muros, suas passagens, ruas e avenidas que cria o seu estilo, revelando os reflexos de sua criação histórica e cultural. Simples e práticas, versáteis ou estruturadas, elegantes ou não, as roupas personificam a alma da cidade, pois a revela em todos os seus detalhes.

O cronista observa que a variedade de estilos utilizados em sua época termina por explorar a “ vaidade feminina”; porém, o que detectamos é que a revolução iniciada de forma massiva, por Saint Laurent, Paco Rabanne, Mary Quant, Oscar de la Renta, e outros, possibilitou a rápida difusão da moda atual a partir da explosão das revistas femininas, das lojas de departamentos, dos shoppings e da publicidade altamente rentável (LAVIER,2003, p.265).

Apesar da preocupação do cronista de que as mulheres terminassem por abolir “ completamente os vestidos”, no final da década de 1970 e início da década de 1980, houve uma busca cada vez maior pelo estilo tipo “ masculino”, com o uso de ternos, jaquetas e conjuntos “ bem comportados”, além do uso de camisas e calças, em maior escala, para as mulheres que avançavam profissionalmente em redutos antes “ exclusivos” dos homens.

Os “ gastos com as plásticas” ou o “ reboco” do corpo, sobretudo das faces, vista por A. Tito Filho como a forma encontrada para gastar dinheiro, já que as mulheres andariam nuas, refletem um período, apontam para uma nova sensibilidade – a preocupação “ exagerada” como o aspecto físico – fazendo circular uma necessidade cada vez maior com relação ao consumo de acessórios, maquiagem, penteados e bijuterias. Segundo Mello e Novais (1998), os hábitos de limpeza pessoal, na sociedade do final do século XX, seguiu-se à modernização da beleza, sobretudo das mulheres; assim,

[...] o rouge foi sendo preterido pelo blush, o pó de arroz pelo pó compacto, as máscaras caseiras de beleza, de abacate, de pepino, de camomila etc., pelos modernos cosméticos, pelos cremes de limpeza, que substituíram o leite de rosas e o de colônia, pelos hidratantes, esfoliantes, rejuvenescedores, da Max Factor, Helena Rubinstein, Elizabeth Arden, ou da Avon, para as classes populares. (1998, p. 568-569).

A globalização,³ esse surto da universalização do capitalismo, propagado com maior êxito no fim do século XX, favoreceu a emergência de uma sociedade

³ Segundo as análises de Santos, a globalização é o “ resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes [...] e

global, e assim ofereceu “modelos” ditatoriais e fugazes de moda, atravessando muros e fronteiras. Porém, mesmo com a velocidade dessas informações, conservou-se uma certa “independência” com relação aos modos e rituais que cada cidade criava, com suas formas próprias de articular às novidades, modificando e inventando outras formas de códigos, como as narradas pelo cronista.

Porém, se a moda serve para demonstrar transformações e sensibilidades na conduta feminina, segundo o registro do autor, a forma que cada classe a consome também serve para indicar importantes mudanças:

A chamada alta costura, de empresários inteligentes, costureiros que gastam fortunas em publicidade, faz que as fêmeas enlouqueçam. Criaram-se os clubes sociais e de uísque, sob capa de caridade cristã, para desfile de vestidos caríssimos, comprados a peso de ouro, nas butiques que enriquecem as proprietárias. Gastando a rodo, a mulher do soçaito precisa de muito cobre, finanças fortes, a fim de que acompanhe a moda e sustente o hobby alegre dos comes e bebes e recepções festivas.

A classe média, sem renda, sem as cousas da barriga, compram os panos nos queimas das lojas vendedoras, custando os olhos da cara tirando o dinheiro contado para os pirões de cada dia, não pode sustentar os desejos de três ou quatro mocinhas que reclamam dos pais sandálias, desodorante, xampu e tecido de cetim, fora jeans e us-top, que elas vêem noite após noite nos anúncios de televisão (O DIA, 21/03/1988, p. 4).

A televisão, nesse cenário de fascínio comercial, exerceu uma profunda influência sobre as mudanças de sensibilidade, observadas com grande impacto a partir da década de 1950, quando veio para o Brasil, pela iniciativa de Chateaubriand, sendo visceral também para a expansão dos movimentos sociais na década de 1960, como o Movimento Negro, o Feminino e o Pacifista. A emergência de uma realidade televisiva provocou um choque que mobilizou uma quantidade enorme de mercadorias, que passaram a fazer parte e a transformar cotidianamente os “hábitos, as maneiras de julgar, eleger, sentir e perceber a vida em sociedade” (ZENHA, 2000, p. 237).

possuem alguns fatores como: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, a mais-valia globalizada” (2005, p.23-24).

A geração “arte-pop”⁴ inebriava-se com as inúmeras futilidades que iam sendo criadas; e, de certa maneira, compartilhavam da necessidade e da vontade de consumi-las, mesmo que a maioria dessas “novidades” não fosse acessível a todos os segmentos sociais, conforme demonstrou a crônica; mesmo sabendo-se que essa forma de consumo não se apresentasse tão superficial, devido às influências criativas, o que tornou a idéia de uma passividade televisiva pouco provável, embora tenha sido essa a forma ressaltada pela maioria, segundo se pode observar na seguinte crônica:

[...] Pouco a pouco desaparecem os agradáveis piqueniques de familiares e amigos, pobres e ricos, substituídos pelos americanizados coquetéis residenciais ou nos clubes, nos quais só o soçaito se delicia nos salgadinhos sem gosto, enfeitados de rodinhas de azeitona e salsicha, o tira-gosto da moda após cada taleigada (taleigada mesmo) de uísque gelado. Instituiu-se a civilização dos enlatados. As danças típicas sumiram-se. Só se dança nos dias que correm, cada homem e cada mulher, separadamente, ou homem com homem e mulher com mulher, pinotando ou caretando que nem macaco, na barulheira e histerismo do roquenrol. Não se bebem mais cajuínas, sim coca-cola., expressão de progresso das coletividades patricias. A panelada de bucho e tripa e a mão-de-vaca, comida de sustança na confecção de macho verdadeiro, cederam lugar aos perfumados estrogonofes. O cinema tem fundamento na violência. Criança não ouve mais as encantadoras estórias das vovós bondosas. Educam-se nos xôs da xuxas. O texto é um só, no Brasil: bumbum de fora, pornografia no ar. A linguagem de gatos e gatas e até de mestre qualificados vigora, deformada, no ie-iê da nação toda. TU e VOCÊ são pronomes idênticos. A novela orienta a juventude, a maturidade, a velharia para o desrespeito recíproco. Pais e filhos se xingam. O bicheiro tem “status” – e aos estudantes serve de exemplo a uma carreira de conforto e de conquista amorosas fáceis. Dinheiro a rodo lucram os profissionais da esperteza. Muitos homens de variado tipo usam brinco nas orelhas e difunde, a usança pela tevê. A televisão brasileira, de propriedade dos espertos, dos tubarões de publicidade, praticam verdadeiro crime espiritual. UNIFORMIZANDO o Brasil. Música, cantoria, cozinha, vestuário, usos, hábitos, costumes, estórias, sexo, brinquedos infantis, livros, teatro, cinema, perfume, linguajar, lendas, modos de mentir, diversões – tudo, mais alguns anos, estará bitolado. Educação para comprar, para gastar dinheiro na aquisição de quanta impostura a indústria fabrique. Afeto um só: presente para a mãe, para o namorado, para o pai, para cada classe do dia que a inteligência dos negociantes aponta. As cousas e práticas regionais desaparecem a cada instante. Não se mostra arte, nem se educam as coletividades, senão num ou noutro programa que as platéias recusam. A deformação é geral. O Brasil ingressou no caminho da civilização empacotada. (TITO FILHO, O DIA, 19/05/1988, p.4).

⁴ A geração “art-pop” desenvolveu-se com o movimento da Pop Art, que tinha um apelo voltado para a cultura comercial, onde essa era sua fonte inesgotável, com a utilização de materiais fotográficos, publicidade, ilustrações de revistas e histórias em quadrinhos.

Se a imagem de “empacotamento” sobreveio em relação ao de “uso” ou “criatividade” é porque essas são dispersas e difusas, implícitas na “substituição de valores” descritas pelo cronista, pois as mudanças observadas com relação à alimentação, as danças, bebidas, costumes e outros obedecem às transformações culturais. Na opinião de Certeau,

para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais, é preciso que estas práticas sociais tenham significados para àqueles que a realizam [...] pois cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar. (1995, p. 9-10).

Mas, se as mudanças detectadas pelo cronista parecem ser “uniformizadas” pelo poder da mídia televisiva, asseguramos, no entanto, que essas apontam para uma rica rede de significados que só podem ser entendidas enquanto vibrações de uma época, testemunhas míticas e dispersas na apreensão de códigos diferentes, que demonstram “novas” ao olhar do cronista, mas que pelos nossos referenciais, mais recentes, não mais têm o mesmo valor, tendo em vista que se infiltraram de forma decisiva em nossa sociedade, apesar de terem se transformado em outras formas inventivas de uso e consumo.

As diferentes temáticas observadas e registradas pelos cronistas ganham relevância, tendo em vista que a cidade moderna é o lócus privilegiado para que possamos entender os caminhos dos discursos, sendo esses importantes termômetros para avaliarmos os sentidos que vão sendo impressos aos monturos da cidade moderna. As crônicas, no entanto, são indícios que permitem visualizar aspectos de “verdades” existentes nos labirintos da cidade. Essas permitem acessar imagens em suas dimensões variadas, formulando um mosaico que “fala”, posto que mostra interfaces de uma mesma experiência urbana. Por outro lado, se as crônicas são legitimadoras e divulgadoras de faces da cidade, é porque permitem uma “iluminação” aos moldes de Walter Benjamin, pois o cruzamento dos cacos – presentes nas crônicas através de traços, sinais, discursos – com o “eu-subjetivo” do cronista faz aparecer elos de leituras e de representações (PESAVENTO, 1995, p. 280-281).

Nesse sentido, queremos enfatizar que as leituras metafóricas auferidas pelas crônicas cumprem uma missão teórico-metodológica de amplitude, pois entendemos, assim como Pesavento, que “a tarefa do historiador seria captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção de significados que presidem o que se chamaria a ‘representação do mundo’” (1995, p.280). Nesse contexto, buscamos “ler” a cidade, através das crônicas, como uma das possibilidades de entendê-la enquanto construção de significados que operam, a rigor, na construção do pensamento social e cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Vol 4. p. 319-410.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 197-221.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: arte de fazer**. vol. 1. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- ENGEL, Maria Gouveia. Modernidade, dominação e resistência: as relações entre capital e trabalho sob ótica de João do Rio. In: **Tempo: narrativas e fontes literárias**. Vol. 9, n.17. p.53-78, jul-dez. 2004.
- GINZBURG, Carlo. Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mito, emblemas, sinais**. São Paulo. Companhia das Letras, 1991
- LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 260- 658.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n.16, 1995.
- _____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- SOIHET, Raquel. O sexo difamado. In: **Nossa História**, ano 1, n. 3, p. 14-21, jan. 2004.
- TITO FILHO, Arimathéa. Mulher. **Jornal O DIA**, Teresina, 12 mar. 1988, p. 4.
- _____. Empacotamento. **Jornal O DIA**, Teresina, 19 maio 1988, p. 4.
- _____. Emprego. **Jornal O DIA**, Teresina, 21 mar. 1988, p. 4.
- _____. Feminismo. **Jornal O DIA**, Teresina, 25 mar. 1988. p. 4.
- _____. Roupa. **Jornal O DIA**, Teresina, 16 mar. 1988, p. 4.

ZENHA, Celeste. Mídia e informação no cotidiano contemporâneo. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). **O século XX o tempo das dúvidas**: do declínio das utopias às globalizações. vol 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.225-248.